

A Mensageira das Violetas, de Florbela Espanca

Fonte:

ESPANCA, Florbela. *A mensageira das violetas*: antologia. Seleção e edição de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1999. (Pocket).

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Luciana Peixoto Silva – Divinópolis/MG

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <parceiros@futuro.usp.br> ou <voluntario@futuro.usp.br>

A MENSAGEIRA DAS VIOLETAS

Florbela Espanca

CRISÂNTEMOS

Sombrios mensageiros das violetas,
De longas e revoltas cabeleiras;
Brancos, sois o casto olhar das virgens
Pálidas que ao luar, sonham nas eiras.
Vermelhos, gargalhadas triunfantes,
Lábios quentes de sonhos e desejos,
Carícias sensuais d'amor e gozo;
Crisântemos de sangue, vós sois beijos!
Os amarelos riem amarguras,
Os roxos dizem prantos e torturas,
Há-os também cor de fogo, sensuais...
Eu amo os crisântemos misteriosos
Por serem lindos, tristes e mimosos,
Por ser a flor de que tu gostas mais!

NO HOSPITAL

À Théo

Na vasta enfermaria ela repousa
Tão branca como a orla do lençol
Gorjeia a sua voz ternos perfumes
Como no bosque à noite o rouxinol.
É delicada e triste. O seu corpito
Tem o perfume casto da verbena.
Não são mais brancas as magnólias brancas
Que a sua boca tão branca e pequena.
Ouço dizer: - Seu rosto faz sonhar!
Serão pétalas de rosa ou de luar?
Talvez a neve que chorou o inverno...

Mas vendo-a assim tão branca, penso eu:
É um astro cansado, que do céu
Veio repousar nas trevas dum inferno!

VULCÕES

Tudo é frio e gelado. O
gume dum punhal Não
tem a lividez sinistra da
montanha Quando a
noite a inunda dum
manto sem igual De
neve branca e fria onde
o luar se banha. No
entanto que fogo, que
lavas, a montanha
Oculta no seu seio de
lividez fatal!

Tudo é quente lá
dentro...e que paixão
tamanha A fria neve
envolve em seu vestido
ideal! No gelo da
indiferença ocultam-se
as paixões Como no
gelo frio do cume da
montanha Se oculta a
lava quente do seio dos
vulcões... Assim quando
eu te falo alegre,

friamente, Sem um
tremor de voz, mal sabes
tu que estranha Paixão
palpita e ruge em mim
doida e fremente!

O MEU ALENTEJO

Meio-dia. O sol a prumo cai ardente,
Dourando tudo...ondeiam nos trigais
D'ouro fulvo, de leve...docemente...
As papoulas sangrentas, sensuais...
Andam asas no ar; e raparigas,
Flores desabrochadas em canteiros,
Mostram por entre
o ouro das espigas
Os perfis delicados
e trigueiros...
Tudo é tranqüilo, e
casto, e sonhador...
Olhando esta
paisagem que é uma
tela De Deus, eu
penso então: onde
há pintor, Onde há
artista de saber
profundo,
Que possa imaginar coisa mais bela,
Mais delicada e linda neste mundo?!

PAISAGEM

Uns bezerritos bebem lentamente
Na tranqüila levada do moinho.
Perpassa nos seus olhos, vagamente,
A sombra duma alma cor do linho!
Junto deles um par. Naturalmente
Namorados ou noivos. De mansinho
Soltam frases d'amor...e docemente
Uma criança canta no caminho!
Um trecho de paisagem campesina,
Uma tela suave, pequenina,
Um pedaço de terra sem igual!
Oh, abre-me em teu seio a sepultura,
Minha terra d'amor e de ventura,
Ó meu amado e lindo Portugal!

VOZES DO MAR

Quando o sol vai
caindo sob as
águas Num
nervoso delíquio
d'ouro intenso,
Donde vem essa
voz cheia de
mágoas
Com que falas à
terra, ó mar
imenso? Tu falas

de festins, e
cavalgadas
De cavaleiros errantes ao luar?
Falas de caravelas encantadas
Que dormem em
teu seio a soluçar?
Tens cantos
d'epopéias? Tens
anseios
D'amarguras? Tu
tens também
receios, Ó mar
cheio de esperança
e majestade?!
Donde vem essa
voz, ó mar
amigo?... ...Talvez
a voz do Portugal
antigo, Chamando
por Camões numa
saudade!

CRAVOS VERMELHOS

Bocas rubras de
chama a palpitar,
Onde fostes
buscar a cor, o
tom,
Esse perfume doido a esvoaçar,

Esse perfume capitoso e bom?!
Sois volúpias em
flor! Ó gargalhadas
Doidas de luz, ó
almas feitas risos!
Donde vem essa
cor, ó desvairadas,
Lindas flores
d'esculturais
sorrisos?! ...Bem
sei vosso
segredo...Um
rouxinol Que vos
viu nascer, ó flores
do mal Disse-me
agora: "Uma
manhã, o sol, O sol
vermelho e quente
como estriga De
fogo, o sol do céu
de Portugal Beijou
a boca a uma
rapariga..."

ANSEIOS

À minha Júlia

Meu doido coração aonde vais,
No teu imenso

anseio de
liberdade? Toma
cautela com a
realidade;
Meu pobre coração olha cais!
Deixa-te estar
quietinho! Não
amais A doce
quietação da
soledade?
Tuas lindas quimeras irreais
Não valem o prazer
duma saudade! Tu
chamas ao meu
seio, negra prisão!...
Ai, vê lá bem, ó
doido coração,
Não te deslumbre o
brilho do luar!
Não 'stendas tuas
asas para o longe...
Deixa-te estar
quietinho, triste
monge, Na paz da
tua cela, a
soluçar!...

A ANTO!

Poeta da saudade, ó
meu poeta qu'rido
Que a morte
arrebato em seu
sorrir fatal, Ao
escrever o *Só*
pensaste enternecido
Que era o mais triste
livro deste Portugal,
Pensaste nos que liam
esse teu missal, Tua
bíblia de dor, teu
chorar sentido
Temeste que esse
altar pudesse fazer
mal Aos que
comungam nele a
soluçar contigo!
Ó Anto! Eu adoro os
teus estranhos versos,
Soluços que eu uni e
que senti dispersos
Por todo o livro triste!
Achei teu coração...
Amo-te como não te
quis nunca ninguém,
Como se eu fosse, ó
Anto, a tua própria
mãe Beijando-te já

frio no fundo do
caixão!

NOITE TRÁGICA

O pavor e a angústia
andam dançando...
Um sino grita
endechas de poentes...
Na meia-noite d'hoje,
soluçando, Que
presságios sinistros e
dolentes!... Tenho
medo da noite!...
Padre nosso Que
estais no céu... O que
minh'alma teme!
Tenho medo da
noite!... Que alvoroço
Anda nesta alma
enquanto o sino
geme! Jesus! Jesus,
que noite imensa e
triste! A quanta dor a
nossa dor resiste
Em noite assim que a
própria dor parece...
Ó noite imensa, ó
noite do Calvário,
Leva contigo envolto

no sudário

Da tua dor a dor que me não 'squece!

ERRANTE

Meu coração da

cor dos rubros

vinhos Rasga a

mortalha do meu

peito brando E vai

fugindo, e tonto vai

andando A

perder-se nas

brumas dos

caminhos. Meu

coração o místico

profeta,

O paladino audaz da desventura,

Que sonha ser um

santo e um poeta,

Vai procurar o

Paço da Ventura...

Meu coração não

chega lá decerto...

Não conhece o

caminho nem o

trilho, Nem há

memória desse

sítio incerto... Eu

tecerei uns sonhos

irreais...

Como essa mãe
que viu partir o
filho, Como esse
filho que não
voltou mais!

CEGUEIRA BENDITA

Ando perdida
nestes sonhos
verdes De ter
nascido e não
saber quem sou,
Ando ceguinha a
tatear paredes
E nem ao menos sei
quem me cegou!
Não vejo nada, tudo
é morto e vago... E a
minha alma cega, ao
abandono Faz-me
lembrar o nenúfar
dum lago
'Stendendo as asas
brancas cor do
sonho... Ter dentro
d'alma na luz de todo
o mundo E não ver
nada nesse mar sem

fundo, Poetas meus
irmãos, que triste
sorte!... E
chamam-nos a nós
Iluminados! Pobres
cegos sem culpas,
sem pecados, A
sofrer pelos outros té
à morte!
JUNQUILHOS...

Nessa tarde
mimosa de
saudade Em que
eu te vi partir, ó
meu amor,
Levaste-me a
minh'alma
apaixonada Nas
folhas perfumadas
duma flor. E
como a alma,
dessa florzita,
Que é minha, por ti
palpita amante! Oh
alma doce,
pequenina e branca,
Conserva o teu
perfume estonteante!
Quando fores velha,

emurchecida e triste,
Recorda ao meu
amor, com teu
perfume A paixão
que deixou e qu'inda
existe... Ai, diz-lhe
que se lembre dessa
tarde, Que venha
aquecer-se ao
brando lume Dos
meus olhos que
morrem de saudade!

MENTIRAS

*Ai quem me dera
uma feliz mentira
que fosse uma
verdade para
mim! J. DANTAS*

Tu julgas que eu não
sei que tu me mentes
Quando o teu doce
olhar pousa no meu?
Pois julgas que eu
não sei o que tu
sentes? Qual a
imagem que alberga
o peito meu? Ai, se
o sei, meu amor! Em

bem distingo O bom
sonho da feroz
realidade... Não
palpita d'amor, um
coração Que anda
vogando em ondas
de saudade! Embora
mintas bem, não te
acredito; Perpassa
nos teus olhos
desleais O gelo do
teu peito de granito...
Mas finjo-me
enganada, meu
encanto, Que um
engano feliz vale
bem mais Que um
desengano que nos
custa tanto!

AOS OLHOS DELE

Não acredito em
nada. As minhas
crenças Voaram
como voa a pomba
mansa, Pelo azul do
ar. E assim fugiram o
As minhas doces
crenças de criança.

Fiquei então sem fé;
e a toda gente Eu
digo sempre, embora
magoada: Não
acredito em Deus e a
Virgem Santa É uma
ilusão apenas e mais
nada! Mas avisto os
teus olhos, meu
amor, Duma luz
suavíssima de dor...
E grito então ao ver
esses dois céus: Eu
creio, sim, eu creio
na Virgem Santa
Que criou esse
brilho que
m'encanta! Eu
creio, sim, creio, eu
creio em Deus!

DOCE CERTEZA

Por essa vida fora
hás-de adorar
Lindas mulheres,
talvez; em ânsia
louca, Em infinito
anseio há de beijar
Estrelas d'ouro

fulgindo em muita
boca! Hás de
guardar em cofre
perfumado Cabelos
d'ouro e risos de
mulher,
Muito beijo d'amor apaixonado;
E não te lembrarás
de mim sequer...
Hás de tecer uns
sonhos delicados...
Hão de por muitos
olhos magoados,
Os teus olhos de
luz andar
imersos!...
Mas nunca
encontrarás p'la vida
fora, Amor assim
como este amor que
chora Neste beijo
d'amor que são meus
versos!...

VERSOS

Versos! Versos! Sei
lá o que são versos...
Pedacos de sorriso,
branca espuma,

Gargalhadas de luz,
cantos dispersos,
Ou pétalas que caem
uma a uma...
Versos!... Sei lá! Um
verso é o teu olhar,
Um verso é o teu
sorriso e os de
Dante Eram o teu
amor a soluçar
Aos pés da sua
estremecida amante!
Meus versos!... Sei
eu lá também que
são... Sei lá! Sei lá!...
Meu pobre coração
Partido em mil
pedaços são talvez...
Versos! Versos! Sei
lá o que são versos...
Meus soluços de dor
que andam dispersos
Por este grande amor
em que não crês...

À TUA PORTA HÁ UM PINHEIRO MANSO

À tua porta há um pinheiro manso
De cabeça pendida, a meditar,
Amor! Sou eu,

talvez, a
contemplar Os
doces sete palmos
do descanso.
Sou eu que para ti atiro e lanço,
Como um grito,
meus ramos pelo ar,
Sou eu que estendo
os braços a chamar
Meu sonho que se
esvai e não alcanço.
Eu que do sol filtro
os ruivos brilhos
Sobre as louras
cabeças dos teus
filhos Quando o
meio-dia tomba
sobre a serra... E, à
noite, a sua voz
dolente e vaga
É o soluço da
minha alma em
chaga: Raiz
morta de sede sob
a terra!

A TUA VOZ DE PRIMAVERA

Manto de seda azul, o céu reflete
Quanta alegria na minha alma vai!

Tenho os meus lábios
úmidos: tomai A flor
e o mel que a vida
nos promete!

Sinfonia de luz meu
corpo não repete O
ritmo e a cor dum
mesmo desejo...

olhai! Iguala o sol
que sempre às ondas
cai, Sem que a visão
dos poentes se
complete! Meus
pequeninos seios
cor-de-rosa, Se os
roça ou prende a tua
mão nervosa, Têm a
firmeza elástica dos
gamos...

Para os teus beijos, sensual, flori!
E amendoeira em
flor, só ofereço os
ramos, Só me exalto
e sou linda para ti!

TRAZES-ME EM TUAS MÃOS DE VITORIOSO

Trazes-me em tuas mãos de vitorioso
Todos os bens que a vida me negou,
E todo um roseiral, a abrir, glorioso

Que a solitária estrada perfumou.
Neste meio-dia límpido, radioso,
Sinto o teu coração que Deus talhou
Num pedaço de bronze luminoso,
Como um berço
onde a vida me
pousou. O silêncio,
ao redor, é uma asa
quieta... E a tua
boca que sorri e
anseia,
Lembra um cálix de
tulipa entreaberta...
Cheira a ervas
amargas, cheira a
sândalo... E o meu
corpo ondulante de
sereia
Dorme em teus braços másculos de vândalo...

EU...

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada ... a dolorida ...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!

Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...

Sou a que chamam triste sem o ser...

Sou a que chora sem saber por quê...

Sou talvez a visão
que alguém sonhou.

Alguém que veio
ao mundo pra me
ver, E que nunca
na vida me
encontrou!

TORTURA

Tirar dentro do peito a emoção,

A lúcida verdade, o sentimento!

- E ser, depois de vir do coração,

Um punhado de

cinza esparso ao

vento!... Sonhar um

verso d'alto

pensamento,

E puro como um ritmo d'oração!

- E ser, depois de vir do coração,

O pó, o nada, o sonho dum momento!...

São assim ocos,

rudes, os meus

versos: Rimas

perdidas, vendavais
dispersos,
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera
encontrar o verso
puro, O verso
altivo e forte,
estranho e duro,
Que dissesse, a
chorar, isto que
sinto!

A MINHA DOR

A você

A minha dor é um convento ideal
Cheio de claustros,
sombras, arcarias,
Aonde a pedra em
convulsões
sombrias Tem
linhas dum requinte
escultural.

Os sinos têm dobres d'agonias
Ao gemer,
comovidos, o seu
mal... E todos
têm sons de
funeral

Ao bater horas, no correr dos dias...

A minha dor é um
convento. Há lírios
Dum roxo
macerado de
martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste
convento aonde eu
moro, Noites e
dias rezo e grito e
choro!
E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...

A FLOR DO SONHO

A flor do sonho, alvíssima, divina
Miraculosamente abriu em mim,
Como se uma magnólia de cetim
Fosse florir num
muro todo em ruína.
Pende em meu seio
a haste branda e
fina. E não posso
entender como é
que, enfim, Essa tão
rara flor abriu
assim!...
Milagre... fantasia...
ou talvez, sina.... Ó

flor, que em mim
nasceste sem
abrolhos, Que tem
que sejam tristes os
meus olhos Se eles
são tristes pelo amor
de ti?!... Desde que
em mim nasceste em
noite calma, Voou ao
longe a asa da
minh'alma E nunca,
nunca mais eu me
entendi...

NOITE DE SAUDADE

A noite vem pousando devagar
Sobre a terra que
inunda de
amargura... E nem
sequer a bênção do
luar
A quis tornar divinamente pura...
Ninguém vem atrás
dela a acompanhar
A sua dor que é
cheia de tortura...
E eu ouço a noite a soluçar!
E eu ouço soluçar a noite escura!
Por que é assim tão

'scura, assim tão
triste?! É que, talvez,
ó noite, em ti existe
Uma saudade igual à
que eu contenho!
Saudade que eu nem
sei donde me vem...
Talvez de ti, ó noite!...
Ou de ninguém!...
Que eu nunca sei quem
sou, nem o que tenho!

AMIGA

Deixa-me ser a tua amiga, amor;
A tua amiga só,
já que não
queres Que pelo
teu amor seja a
melhor
A mais triste de todas as mulheres.

Que só, de ti, me
venha mágoa e dor
O que me importa, a
mim?! O que
quiseres É sempre
um sonho bom! Seja
o que for Bendito
sejas tu por mo
dizeres!

Beija-me as mãos,
amor, devagarinho...
Como se os dois
nascêssemos irmãos,
Aves cantando, ao
sol, no mesmo
ninho...

Beija-mas bem!...
Que fantasia louca
Guardar assim,
fechados, nestas
mãos, Os beijos
que sonhei pra
minha boca!...

PARA QUÊ?!

Tudo é vaidade
neste mundo vão...
Tudo é tristeza;
tudo é pó, é nada!
E mal desponta
em nós a
madrugada, Vem
logo a noite
encher o coração!
Até o amor nos
mente, essa
canção Que nosso

peito ri `a
gargalhada,
Flor que é nascida
e logo desfolhada,
Pétalas que se
pisam pelo chão!...
Beijos d'amor? Pra
quê?!... Tristes
 vaidades! Sonhos que
logo são realidades,
Que nos deixam a
alma como morta!
Só acredita neles
quem é louca!
Beijos d'amor que
vão de boca em boca,
Como pobres que
vão de porta em
porta!...

VELHINHA

Se os que me viram
já cheia de graça
Olharem bem de
frente para mim,
Talvez, cheios de
dor, digam assim:
"Já ela é velha!
Como o tempo

passa!..."

Não sei rir e cantar
por mais que faça!

Ó minhas mãos
talhadas em
marfim, Deixem
esse fio de ouro
que esvoaça!
Deixem correr a
vida até ao fim!

Tenho vinte e três
anos! Sou
velhinha! Tenho
cabelos brancos e
sou crente... Já
murmuro orações...
falo sozinha...

E o bando
cor-de-rosa dos
carinhos Que tu
me fazes, olho-os
indulgente, Como
se fosse um bando
de netinhos...

IMPOSSÍVEL

Disseram-me hoje,
assim, ao ver-me

triste: "Parece
Sexta-feira da
Paixão.
Sempre a cismar,
cismar, d'olhos no
chão, Sempre a pensar
na dor que não existe...
O que é que tem?! Tão
nova e sempre triste!
Faça por 'star
contente! Pois
então?!..." Quando se
sofre, o que se diz é
vão... Meu coração,
tudo, calado ouviste...
Os meus males
ninguém mos
adivinha... A minha
dor não fala, anda
sozinha... Dissesse ela
o que sente! Ai quem
me dera!... Os males
d'Anto toda a gente os
sabe! Os
meus...ninguém... A
minha dor não cabe
Nos cem milhões de
versos que eu fizera!...

QUEM?...

Não sei quem és.

Já não te vejo

bem... E ouço-me

dizer (ai, tanta

vez!...)

Sonho que um outro

sonho me desfez?

Fantasma de que

amor? Sombra de

quem? Névoa?

Quimera? Fumo?

Donde vem?... - Não

sei se tu, amor, assim

me vês!... Nossos

olhos não são nossos,

talvez... Assim, tu não

és tu! Não és

ninguém!... És tudo e

não és nada... És a

desgraça... És quem

nem sequer vejo; és

um que passa... És

sorriso de Deus que

não mereço... És

aquele que vive e que

morreu... És aquele

que é quase um outro

eu... És aquele que
nem sequer conheço...

SEM PALAVRAS

Branças, suaves mãos de irmã
Que são mais doces
que as das rainhas,
Hão de pousar em
tuas mãos, as
minhas Numa
carícia
transcendente e vã.
E a tua boca a divinal manhã
Que diz as frases
com que me
acarinhas, Há de
pousar nas
dolorosas linhas Da
minha boca
purpurina e sã.
Meus olhos hão de
olhar teus olhos
tristes; Só eles te
dirão que tu existes
Dentro de mim
num riso
d'alvorada! E
nunca se amará
ninguém melhor;

Tu calando de
mim o teu amor,
Sem que eu nunca do meu te diga nada!...

QUE IMPORTA?...

Eu era a
desdenhosa, a
indiferente.
Nunca sentira em
mim o coração
Bater em violências de paixão,
Como bate no peito à outra gente.
Agora, olhas-me tu altivamente,
Sem sombra de
desejo ou de
emoção,
Enquanto as asas
louras da ilusão
Abrem dentro de mim ao sol nascente.
Minh'alma, a pedra,
transformou-se em
fonte; Como nascida
em carinhoso monte,
Toda ela é riso, e é frescura e graça!
Nela refresca a boca um só instante...
Que importa?... Se o
cansado viandante
Bebe em todas as
fontes... quando

passa?...

O MEU ORGULHO

Lembro-me o que fui
dantes. Quem me dera
Não lembrar! Em
tardes dolorosas
Lembro-me que fui a primavera
Que em muros
velhos faz nascer as
rosas! As minhas
mãos outrora
carinhosas
Pairavam como
pombas... Quem
soubera Por que
tudo passou e foi
quimera,
E por que os muros
velhos não dão rosas!
São sempre os que eu
recordo que me
esquecem... Mas digo
para mim: "Não me
merecem..." E já não
fico tão abandonada!
Sinto que valho
mais, mais
pobrezinha: Que

também é orgulho
ser sozinha
E também é nobreza não ter nada!

INCONSTÂNCIA

Procurei o amor, que me mentiu.
Pedi à vida mais do que ela dava;
Eterna sonhadora edificava
Meu castelo de luz que me caiu!
Tanto clarão nas trevas refulgiu,
E tanto beijo a boca me queimava!
E era o sol que os
longes
deslumbrava Igual
a tanto sol que me
fugiu!
Passei a vida a amar e a esquecer...
Atrás do sol dum dia outro a aquecer
As brumas dos atalhos
por onde ando... E este
amor que assim me vai
fugindo É igual a outro
amor que vai surgindo,
Que há-de partir
também... nem eu sei
quando...

O NOSSO MUNDO

Eu bebo a vida, a
vida, a longos
tragos Como um
divino vinho de
Falerno!

Pousando em ti o meu olhar eterno
Como pousam as
folhas sobre os
lagos...

Os meus sonhos
agora são mais
vagos... O teu olhar
em mim, hoje, é
mais terno... E a
vida já não é o rubro
inferno

Todo fantasmas tristes e pressagos!

A vida, meu amor, quero vivê-la!
Na mesma taça
erguida em tuas
mãos, Bocas
unidas, hamos de
bebê-la!

Que importa o mundo
e as ilusões defuntas?...
Que importa o mundo
e seus orgulhos vãos?...

O mundo, amor! ... As
nossas bocas juntas!...

ANOITECER

A luz desmaia
num fulgor
d'aurora, Diz-nos
adeus
religiosamente...

E eu que não creio em
nada, sou mais crente
Do que em menina, um
dia, o fui... outrora...
Não sei o que em mim
ri, o que em mim chora,
Tenho bênçãos de amor
pra toda a gente! E a
minha alma, sombria e
penitente Soluça no
infinito desta hora!
Horas tristes que
vão ao meu
rosário... Ó minha
cruz de tão pesado
lenho!
Ó meu áspero e
intérmino
Calvário! E a
esta hora tudo em

mim revive:
Saudades de saudades
que não tenho...
Sonhos que são os
sonhos dos que eu
tive...

CREPÚSCULO

Teus olhos,
borboletas de ouro,
ardentes Borboletas
de sol, de asas
magoadas, Pousam
nos meus, suaves e
cansadas Como em
dois lírios roxos e
dolentes... E os lírios
fecham... Meu amor
não sentes? Minha
boca tem rosas
desmaiadas,
E a minhas pobres
mãos são maceradas
Como vagas
saudades de
doentes... O silêncio
abre as mãos...
entorna rosas...
Andam no ar

carícias vaporosas
Como pálidas sedas, arrastando...
E a tua boca rubra ao pé da minha
É na suavidade da tardinha.
Um coração ardente palpitando...

EXALTAÇÃO

Viver!... Beber o
vento e o sol!...
Erguer Ao céu os
corações a palpitar!
Deus fez os nossos
braços pra prender,
E a boca fez-se
sangue pra beijar!
A chama, sempre
rubra, ao alto a
arder!... Asas
sempre perdidas a
pairar,
Mais alto para as
estrelas desprender!...
A glória!... A fama!...
O orgulho de criar!...
Da vida tenho o mel e
tenho os travos No
lago dos meus olhos
de violetas, Nos
meus beijos estáticos,

pagãos!... Trago na
boca o coração dos
cravos! Boêmios,
vagabundos, e poetas:
- Como eu sou vossa irmã, ó meus irmãos!...

RÚSTICA

Ser a moça mais
linda do povoado,
Pisar, sempre
contente, o mesmo
trilho, Ver descer
sobre o ninho
aconchegado A
bênção do Senhor
em cada filho. Um
vestido de chita
bem lavado,
Cheirando a
alfazema e a
tomilho... Com o
luar matar a sede ao
gado, Dar às
pombas o sol num
grão de milho... Ser
pura como a água da
cisterna, Ter
confiança numa vida
eterna

Quando descer à
"terra da verdade"...
Meu Deus, dai-me
esta calma, esta
pobreza! Dou por
elas meu trono de
princesa, E todos os
meus reinos de
ansiedade.

CONTO DE FADAS

Eu trago-te nas
mãos o
esquecimento Das
horas más que tens
vivido, amor! E
para as tuas chagas
o ungüento Com
que sarei a minha
própria dor.

Os meus gestos são
ondas de Sorrento...
Trago no nome as
letras duma flor...
Foi dos meus olhos
garços que um
pintor Tirou a luz
para pintar o vento...

Dou-te o que tenho:
o astro que dormita,
O manto dos
crepúsculos da
tarde, O sol que é
d'ouro, a onda que
palpita.

Dou-te comigo o
mundo que Deus
fez! - Eu sou
aquela de quem
tens saudade, A
princesa de conto:
"Era uma vez..."

EU

Até agora eu não me conhecia,
Julgava que era eu e eu não era
Aquela que em
meus versos
descrevera Tão
clara como a fonte
e como o dia.

Mas que eu não era
eu não o sabia E,
mesmo que o
soubesse, o não

dissera... Olhos fitos
em rútila quimera
Andava atrás de mim... E não me via!

Andava a
procurar-me -
pobre louca! - E
achei o meu olhar
no teu olhar, E a
minha boca sobre a
tua boca!

E esta ânsia de
viver, que nada
acalma, É a chama
da tua alma a
esbrasear As
apagadas cinzas da
minha alma!

PASSEIO NO CAMPO

Meu amor! Meu
amante! Meu
amigo! Colhe a
hora que passa,
hora divina,
Bebe-a dentro de
mim, bebe-a
comigo! Sinto-me
alegre e forte! Sou

menina!
Eu tenho, amor, a
cinta esbelta e
fina... Pele
dourada de
alabastro antigo...
Frágeis mãos de
madona
florentina... -
Vamos correr e rir
por entre o trigo!
Há rendas de
gramíneas pelos
montes... Papoulas
rubras nos trigais
maduros... Água
azulada a cintilar
nas fontes...
E à volta, amor...
tornemos, nas
alfombras Dos
caminhos selvagens
e escuros, Num astro
só as nossas duas
sombras...

MENDIGA

Na vida nada tenho e nada sou;
Eu ando a

mendigar pelas
estradas... No
silêncio das noites
estreladas
Caminho, sem saber para onde vou!

Tinha o manto do
sol... quem mo
roubou?! Quem
pisou minhas rosas
desfolhadas?! Quem
foi que sobre as
ondas revoltadas A
minha taça de ouro
espedaçou?

Agora vou andando
e mendigando,
Sem que um olhar
dos mundos
infinitos Veja
passar o verme,
rastejando...

Ah, quem me dera
ser como os chacais
Uivando os brados,
rouquejando os
gritos Na solidão
dos ermos
matagais!...

SUPREMO ENLEIO

Quanta mulher no teu
passado, quanta! Tanta
sombra em redor! Mas
que me importa? Se
delas veio o sonho que
conforta, A sua vinda
foi três vezes santa!

Erva do chão que a
mão de Deus
levanta, Folhas
murchas de roxo à
tua porta... Quando
eu for uma pobre
coisa morta, Quanta
mulher ainda!
Quanta! Quanta!
Mas eu sou a
manhã: apago
estrelas! Hás de
ver-me, beijar-me
em todas elas,
Mesmo na boca da
que for mais linda!
E quando a
derradeira, enfim,
vier, Nesse

corpo vibrante de
mulher
Será o meu que hás

de encontrar ainda...

TOLEDO

Diluído numa taça de ouro a arder
Toledo é um rubi.
E hoje é só nosso!
O sol a
rir... Viv' alma... Não
esboço Um gesto
que me não sinta
esvaecer...
As tuas mãos
tateiam-me a
tremer... Meu corpo
de âmbar,
harmonioso e moço,
É como um
jasmineiro em
alvoroço Ébrio de
sol, de aroma, de
prazer!

Cerro um pouco o
olhar, onde
subsiste Um
romântico apelo
vago e mudo
- Um grande amor é
sempre grave e triste.
Flameja ao longe o
esmalte azul do
Tejo... Uma torre
ergue ao céu um
grito agudo... Tua
boca desfolha-me
num beijo...

SER POETA

Ser poeta é ser mais
alto, é ser maior Do
que os homens!
Morder como quem
beija! É ser mendigo e
dar como quem seja
Rei do Reino de
Aquém e de Além
Dor! É ter de mil
desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um
astro que flameja,

É ter garras e asas
de condor!
É ter fome, é ter sede de infinito!
Por elmo, as manhãs
de ouro e de cetim...
É condensar o
mundo num só grito!
E é amar-te, assim,
perdidamente... É
seres alma e
sangue e vida em
mim E dizê-lo
cantando a toda a
gente!

ALVORECER

A noite empalidece. Alvorecer...
Ouve-se mais o
gargalhar da
fonte... Sobre a
cidade muda, o
horizonte
É uma orquídea
estranha a
florescer.
Há andorinhas prontas a dizer
A missa d'alva,
mal o sol desponte.

Gritos de galos
soam monte em
monte Numa
intensa alegria de
viver.

Passos ao longe...um
vulto que se esvai...
Em cada sombra
Colombina trai...
Anda o silêncio em
volta a q'rer falar...
E o luar que desmaia, macerado,
Lembra, pálido,
tonto,
esfarrapado, Um
Pierrot, todo
branco, a
soluçar...

AMAR!

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: aqui...além...
Mais este e aquele, o
outro e toda a gente....
Amar!Amar! E não
amar ninguém!
Recordar? Esquecer?
Indiferente!...

Prender ou
desprender? É mal? É
bem? Quem disser
que se pode amar
alguém Durante a
vida inteira é porque
mente!

Há uma primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar.

E se um dia hei de
ser pó, cinza e nada
Que seja a minha
noite uma alvorada,
Que me saiba
perder... pra me
encontrar...

NOSTALGIA

Nesse país de
lenda, que me
encanta, Ficaram
meus brocados,
que despi, E as
jóias que p´las
aias reparti
Como outras rosas de
Rainha Santa! Tanta

opala que eu tinha!
Tanta, tanta! Foi por
lá que as semeei e
que as perdi...
Mostrem-me esse
País onde eu nasci!
Mostrem-me o reino
de que eu sou
infanta! Ó meu país
de sonho e de
ansiedade, Não sei se
esta quimera que me
assombra, É feita de
mentira ou de
verdade!
Quero voltar! Não sei
por onde vim... Ah!
Não ser mais que a
sombra duma sombra
Por entre tanta sombra
igual a mim!

CRUCIFICADA

Amiga... noiva...
irmã... o que
quiseres! Por ti,
todos os céus terão
estrelas, Por teu
amor, mendiga, hei

de merecê-las, Ao
beijar a esmola que
me deres.

Podes amar até outras mulheres!

- Hei de compor,

sonhar palavras

belas, Lindos

versos de dor só

para elas,

Para em lânguidas

noites lhes dizeres!

Crucificada em mim,

sobre os meus braços,

Hei de pousar a boca

nos teus passos Pra

não serem pisados por

ninguém. E depois...

Ah, depois de dores

tamanhas, Nascerás

outra vez de outras

entranhas, Nascerás

outra vez de uma

outra mãe!

ESPERA...

Não me digas

adeus, ó sombra

amiga, Abranda

mais o ritmo dos

teus passos; Sente
o perfume da
paixão antiga,
Dos nossos bons e
cândidos abraços!
Sou dona de
místicos cansaços,
A fantástica e estranha rapariga
Que um dia ficou presa nos teus braços...
Não vás ainda
embora, ó sombra
amiga!
Teu amor fez de
mim um lago triste:
Quantas ondas a rir
que não lhe ouviste,
Quanta canção de
ondinas lá no
fundo!
Espera...espera...ó
minha sombra
amada... Vê que pra
além de mim já não
há nada E nunca
mais me encontrarás
neste mundo!

INTERROGAÇÃO

Neste tormento inútil,

neste empenho De
tornar em silêncio o
que em mim canta,
Sobem-me roucos
brados à garganta
Num clamor de
loucura que
contenho.

Ó alma da charneca sacrossanta,
Irmã da alma rútila
que eu tenho, Dize
para onde eu vou,
donde é que venho
Nesta dor que me
exalta e me alevanta!
Visões de mundos
novos, de infinitos,
Cadências de
soluços e de gritos,
Fogueira a
esbrasear que me
consome!
Dize que mão é esta
que me arrasta?
Nódoa de sangue
que palpita e
alastra... Dize de
que é que eu tenho
sede e fome?!

VOLÚPIA

No divino impudor
da mocidade,
Nesse êxtase pagão
que vence a sorte,
Num frêmito
vibrante de
ansiedade, Dou-te
meu corpo
prometido à morte!
A sombra entre a
mentira e a
verdade... A nuvem
que arrastou o vento
norte... - Meu
corpo! Trago nele
um vinho forte:
Meus beijos de
volúpia e de
maldade!
Trago dalias
vermelhas no
regaço... São os
dedos do sol
quando te abraço,
Cravados no teu
peito como lanças!
E do meu corpo os

leves arabescos
Vão-te envolvendo
em círculos
dantescos
Felinamente, em
voluptuosas
danças...

A VOZ DA TÍLIA

Diz-me a tília a
cantar: "Eu sou
sincera, Eu sou isto
que vês: o sonho, a
graça, Deu ao meu
corpo, o vento,
quando passa, Este
ar escultural de
bayadera...

E de manhã o sol é uma cratera,
Uma serpente de ouro que me enlaça...
Trago nas mãos as
mãos da
primavera... E é
para mim que em
noites de desgraça
Toca o vento
Mozart, triste e
solene, E à minha

alma vibrante, posta
a nu, Diz a chuva
sonetos de
Verlaine..."

E, ao ver-me
triste, a tília
murmurou: "Já
fui um dia poeta
como tu...
Ainda hás de ser tília como eu sou..."

NÃO SER

Quem me dera voltar à inocência
Das coisas brutas,
sãs, inanimadas,
Despir o vão
orgulho, a
incoerência: -
Mantos rotos de
estátuas
mutiladas! Ah!
Arrancar às carnes
laceradas
Seu mísero segredo
de consciência! Ah!
Poder ser apenas
florescência De
astros em puras
noites

deslumbradas! Ser
nostálgico choupo
ao entardecer, De
ramos graves,
plácidos, absortos
Na mágica tarefa de
viver!

Ser haste, seiva, ramaria inquieta,
Erguer ao sol o
coração dos
mortos Na urna de
ouro de uma flor
aberta!...

?

Quem fez ao
sapo o leito
carmesim De
rosas desfolhadas
à noitinha?
E quem vestiu de
monja a
andorinha, E
perfumou as
sombras do
jardim? Quem
cinzelou estrelas
no jasmim? Quem
deu esses cabelos

de rainha
Ao girassol? Quem
fez o mar? E a minha
Alma a sangrar?
Quem me criou a
mim? Quem fez os
homens e deu vida
aos lobos? Santa
Tereza em místicos
arroubos? Os
monstros? E os
profetas? E o luar?
Quem nos deu asas
para andar de rastros?
Quem nos deu olhos
para ver os astros? -
Sem nos dar braços
para os alcançar?

IN MEMORIAM

Ao meu morto querido

Na cidade de Assis, *Il Poverello*
Santo, três vezes
santo, andou
pregando Que o
sol, a terra, a flor, o
rocio brando, Da
pobreza o
tristíssimo flagelo,

Tudo quanto há de
vil, quanto há de
belo, Tudo era nosso
irmão! - E assim
sonhando, Pelas
estradas da Umbria
foi forjando Da
cadeia do amor o
maior elo!

"Olha o nosso irmão
Sol, nossa irmã
Água..." Ah!
Poverello! Em mim,
essa lição Perdeu-se
como vela em mar de
mágoa
Batida por furiosos vendavais!
- Eu fui na vida a
irmã de um só
irmão, E já não sou
a irmã de ninguém
mais!

ÁRVORES DO ALENTEJO

Horas mortas...
Curvada aos pés do
monte A planície é
um brasido... e,

torturadas, As
árvores sangrentas,
revoltadas,
Gritam a Deus a bênção duma fonte!
E quando, manhã alta, o sol posponte
A ouro a giesta, a
arder, pelas
estradas,
Esfíngicas,
recortam
desgrenhadas
Os trágicos perfis no horizonte!
Árvores! Corações,
almas que choram,
Almas iguais à
minha, almas que
imploram Em vão
remédio para tanta
mágoa!
Árvores! Não choreis! Olhai e vede:
- Também ando a
gritar, morta de
sede, Pedindo a
Deus a minha gota
d'água!

QUEM SABE?...
Ao Ângelo

Queria tanto saber porque sou eu!

Quem me enfeitou

neste caminho

escuro? Queria

tanto saber porque

seguro

Nas minhas mãos o

bem que não é meu!

Quem me dirá se, lá no alto, o céu

Também é para o

mau, para o

perjuro? Para onde

vai a alma, que

morreu?

Queria encontrar

Deus! Tanto o

procuro!

A estrada de

Damasco, o meu

caminho, O meu

bordão de estrelas

de ceguinho, Água

da fonte de que

estou sedenta!

Quem sabe se este

anseio de

eternidade, A

tropeçar na sombra,

é a verdade,
É já a mão de Deus que me acalenta?

FRÊMITO DO MEU CORPO A PROCURAR-TE

Frêmito do meu corpo a procurar-te,
Febre das minhas mãos na tua pele
Que cheira a âmbar, a
baunilha e a mel,
Doído anseio dos
meus braços a
abraçar-te, Olhos
buscando os teus por
toda a parte, Sede de
beijos, amargor de
fel,
Estonteante fome, áspera e cruel,
Que nada existe
que a mitigue e a
farte! E vejo-te tão
longe! Sinto tua
alma
Junto da minha, uma lagoa calma,
A dizer-me, a cantar
que não me amas...
E o meu coração
que tu não sentes,
Vai boiando ao acaso das correntes,
Esquife negro sobre um mar de chamas...
DIZE-ME, AMOR, COMO TE SOU QUERIDA

Dize-me, amor,
como te sou
querida, Conta-me
a glória do teu
sonho eleito,
Aninha-me a sorrir
junto ao teu peito,
Arranca-me dos
pântanos da vida.
Embriagada numa estranha lida,
Trago nas mãos o coração desfeito,
Mostra-me a luz,
ensina-me o
preceito Que me
salve e levante
redimida!
Nesta negra cisterna
em que me afundo,
Sem quimeras, sem
crenças, sem
turnura, Agonia sem
fé dum moribundo,
Grito o teu nome
numa sede
estranha, Como se
fosse, amor, toda a
frescura
Das cristalinas águas da montanha!

FALO DE TI ÀS PEDRAS DAS ESTRADAS

Falo de ti às pedras das estradas,
E ao sol que e
louro como o teu
olhar, Falo ao rio,
que desdobra a
faiscar,
Vestidos de princesas e de fadas;
Falo às gaivotas de
asas desdobradas,
Lembrando lenços
brancos a acenar,
E aos mastros que apunham o luar
Na solidão das noites consteladas;
Digo os anseios, os
sonhos, os desejos
Donde a tua alma,
tonta de vitória,
Levanta ao céu a torre
dos meus beijos! E os
meus gritos de amor,
cruzando o espaço,
Sobre os brocados
fúlgidos da glória,
São astros que me
tombam do regaço!

PERDI OS MEUS FANTÁSTICOS CASTELOS

Perdi meus fantásticos castelos
Como névoa
distante que se
esfuma... Quis
vencer, quis lutar,
quis defendê-los:
Quebrei as minhas
lanças uma a uma!
Perdi minhas galeras
entre os gelos
Que se afundaram
sobre um mar de
bruma... - Tantos
escolhos! Quem podia
vê-los? — Deitei-me
ao mar e não salvei
nenhuma! Perdi a
minha taça, o meu
anel,
A minha cota de aço, o meu corcel,
Perdi meu elmo de
ouro e pedrarias...
Sobem-me aos lábios
súplicas estranhas...
Sobre o meu coração
pesam montanhas...
Olho assombrada as
minhas mãos
vazias...

O TEU OLHAR

Passam no teu olhar nobres cortejos,
Frotas, pendões ao
vento sobranceiros,
Lindos versos de
antigos
romanceiros, Céus
do Oriente, em
brasa, como beijos,
Mares onde não
cabem teus desejos;
Passam no teu olhar
mundos inteiros,
Todo um povo de
heróis e
marinheiros,
Lanças nuas em
rútilos lampejos;
Passam lendas e sonhos e milagres!
Passa a Índia, a visão
do Infante em Sagres,
Em centelhas de
crença e de certeza!
E ao sentir-se tão
grande, ao ver-te
assim, Amor, julgo
trazer dentro de mim
Um pedaço da terra portuguesa!

O MAIOR BEM

Este querer-te
bem sem me
quereres, Este
sofrer por ti
constantemente,
Andar atrás de ti sem tu me veres
Faria piedade a toda a gente.
Mesmo a beijar-me
a tua boca mente...
Quantos sangrentos
beijos de mulheres
Pousa na minha a
tua boca ardente,
E quanto engano nos
seus vãos dizeres!...
Mas que me importa a
mim que me não
queiras, Se esta pena,
esta dor, estas canseiras,
Este mísero pungir,
árduo e profundo, Do
teu frio desamor, dos
teus desdéns, É, na
vida, o mais alto dos
meus bens? É tudo
quanto eu tenho neste
mundo?

OS MEUS VERSOS

Rasga esses versos
que eu te fiz, amor!
Deita-os ao nada, ao
pó, ao esquecimento,
Que a cinza os cubra,
que os arraste o vento,
Que a tempestade os
leve aonde for!
Rasga-os na mente, se
os souberes de cor,
Que volte ao nada o
nada de um momento!
Julguei-me grande
pelo sentimento,
E pelo orgulho ainda sou maior!...
Tanto verso já
disse o que eu
sonhei! Tantos
penaram já o que
eu penei!
Asas que passam, todo
o mundo as sente...
Rasgas os meus
versos... Pobre
endoidecida! Como se
um grande amor cá
nesta vida Não fosse o

mesmo amor de toda a
gente!...

O MEU SONETO

Em atitudes e em
ritmos fleugmáticos,
Erguendo as mãos
em gestos
recolhidos, Todos
brocados fúlgidos,
hieráticos, Em ti
andam bailando os
meus sentidos...
E os meus olhos
serenos, enigmáticos
Meninos que na
estrada andam
perdidos,
Dolorosos,
tristíssimos,
extáticos,
São letras de poemas nunca lidos...

As magnólias
abertas dos meus
dedos São
mistérios, são
filtros, são enredos
Que pecados

d'amor trazem de
rastros...

E a minha boca,
a rútila manhã,

Na Via Láctea,
lírica, pagã,

A rir desfolha as pétalas dos astros!...